

deiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, compartilhando seu sofrimento de modo a compartilhar sua glória.⁷

Tal como Cristo, devemos elaborar nossa hipótese, nossa filosofia de vida, e vivê-la com absoluta sinceridade. Como saberemos qual a nossa hipótese? Através da atitude religiosa.

A atitude religiosa: consideração cuidadosa

Etimologicamente, a palavra religião deriva do latim *religere*, significando a consideração cuidadosa do que nos advém, isto é, a nossa experiência. É este o ponto de partida de Jung,⁸ e explica a razão pela qual ele começa a parecer (a despeito de seus protestos) o profeta de uma nova espécie de religião.

A religião tradicional postula: "Se acreditar, você terá a experiência (de Deus)." Jung opera uma inversão: "Se tiver a experiência de Deus ou do Si-mesmo, você acreditará, ou mais precisamente, você saberá." E como ter uma experiência de Deus? Estando atento ao que lhe advém na vida, admitindo ser isto algo que lhe pertence, sobretudo o que seja negativo ou o apanhe de surpresa.

Tudo aquilo que na vida nos choca ou surpreende é provavelmente uma parte da nossa própria natureza que se desligou da nossa atenção e volta à consciência com um aspecto estranho ou negativo, como faz a maioria das coisas ou das pessoas que tenham sido excluídas ou reprimidas. Dificuldades de relacionamento, por exemplo, constituem uma rica fonte de informação sobre nós mesmos. Mas, se essas dificuldades nos capacitarem a aprender mais a nosso próprio respeito e a nos aprimorar, estaremos fazendo a obra de Deus — é esta a mensagem deste livro.

"A vida saiu das igrejas" — disse Jung certa vez — "e nunca retornará. Os deuses não reintegrarão moradias por eles abandonadas."⁹ Como moradia seguinte, parece que o Espírito Santo escolheu a pessoa humana. "Parece-me", escreveu Jung, "que cabe ao Espírito Santo a tarefa e o encargo de reconciliar e unir os opostos na pessoa humana por meio de um desenvolvimento especial da alma humana."¹⁰

A designação psicológica para esse desenvolvimento é "a função transcendente", que indica a capacidade que tem a psique de unir o conteúdo consciente e o inconsciente, dando origem a uma nova atitude.

de.¹¹ Essa nova atitude, na medida em que representa a assimilação na consciência daquilo que anteriormente era inconsciente, é o equivalente psicológico do nascimento de Cristo (a encarnação de Deus).

A psicologia junguiana ou analítica procura instituir e favorecer o diálogo entre o consciente e o inconsciente (a função transcendente) que produz aquele "desenvolvimento especial da alma humana", a encarnação, a realização do ser divino na vida humana. A função transcendente, observa Jung, "é um fenômeno natural e espontâneo, parte do processo de individuação". E acrescenta as seguintes e comoventes palavras: "A psicologia não tem nenhuma prova de que este processo não se desenvolva por instigação da vontade de Deus."¹²

As palavras de Jesus, "O reino de Deus está dentro de vós", estão se realizando em nossos dias. Muitas pessoas precisam encontrar uma relação com a atitude religiosa através de sua própria experiência individual; elas não podem aceitar afirmações dogmáticas. Como escreve Jung:

A relação do homem com Deus provavelmente tem de passar por uma determinada alteração importante: em lugar do louvor propiciatório a um rei imprevisível ou da oração da criança a um pai amoroso, viver de maneira responsável e cumprindo em nós a vontade divina será a nossa forma de adoração e de intercâmbio com Deus.¹³

A psicologia profunda, favorecendo o diálogo entre o consciente e o inconsciente, pode nos ajudar a compreender e a interpretar a nossa própria experiência e a viver a nossa própria hipótese. Na medida em que nos é possível consegui-lo, estamos contribuindo, por pouco que seja, no sentido de ajudar Deus a encarnar neste mundo.

A experiência, hoje, suplanta a fé. Somente a experiência individual tem peso suficiente para contrabalançar os ditames do cientismo e do materialismo. Essas Fúrias gêmeas ficam continuamente a sussurrar que o indivíduo tem uma importância desprezível, exceto como parte de um grupo. Descarta-se a idéia de que existe algo valioso *no interior* de um indivíduo. A experiência subjetiva, considerada atualmente como de pouco valor, equivale à pedra rejeitada pelos construtores e que, não obstante, está destinada a ser a pedra angular da nova igreja — uma igreja da experiência, feita por cada indivíduo, de Deus se encarnando nele. É